

## **Dr. Robert Vannoy, Deuteronômio Palestra 8**

© 2011, Dr. Robert Vannoy, Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

### **O Estado Atual da Forma da Aliança na**

#### Revisão do Antigo Testamento

Na semana passada estávamos discutindo o numeral III de Romanos em seu esboço. Essa é a página dois, “A Forma da Aliança no Livro de Deuteronômio e suas Implicações Históricas”. Mas, apenas para refrescar nossas mentes, “A” era “A integridade estrutural do livro frequentemente questionada”. A abordagem usual de Deuteronômio é encontrá-lo com um núcleo original, mas com muitas increções suplementares e uma introdução dupla. Von Rad, “B”, chamou a atenção para o significado do padrão estrutural de Deuteronômio em 1938. Em 1938, Von Rod olhou para o livro e disse que há uma estrutura coerente para esta coisa. Lembre-se, eu lhe dei um esboço disso. Certa vez, ele olhou criticamente para a forma e pensou que o todo exibia unidade estrutural. Mas então “C” Meredith Kline utilizou a metodologia crítica da forma honrando a integridade do livro que deveria abrir uma nova perspectiva sobre a estrutura do Deuteronômio, o que por sua vez tem implicações para sua interpretação e data.

Passamos a maior parte do tempo em “C” na semana passada. Os pontos 1 a 12 foram minha tentativa de resumir o argumento de Kline sobre a analogia tratado-pacto e, em seguida, as implicações dessa analogia para a data. Isso nos leva ao topo da página 3, que é “D”, “A Forma da Aliança no Antigo Testamento e suas Implicações Históricas: o Estado Atual das Coisas no Debate do Deuteronômio”. Agora, provavelmente esse “D” nos ocupará a maior parte do dia. Espero poder terminar isso hoje, e isso nos deixa duas semanas para passarmos à questão da centralização da adoração. Mas é aí que começamos, com “D”. E em “D” tenho 1. “A natureza da forma de aliança e sua origem: cultural ou histórica”.

Comentários Gerais sobre Êxodo. 19, Josué. 24 e 1 Sam. 12 Antes de chegar ao ponto 1, deixe-me fazer alguns comentários gerais sobre o título “A Forma da Aliança do Antigo Testamento e sua Implicação Histórica: Situação Atual do Debate sobre Deuteronômio”. Acho que hoje existe um consenso generalizado de que existe uma forma de aliança discernível que pode ser encontrada no Antigo Testamento, e essa forma pode ser encontrada na estrutura do livro de Deuteronômio. Ele também pode ser encontrado em vários outros lugares. A maioria das pessoas que discutiram isso encontram isso em Êxodo 19 a 24. Esse é o material do Sinai onde a aliança foi originalmente estabelecida. A maioria encontra isso em Josué, capítulo 24. Josué 24 é onde Josué chama todo o Israel a Siquém para renovar sua lealdade ao Senhor. Acho que Josué 24 pode ser corretamente chamado de cerimônia de renovação da aliança. Está no final da vida de Josué; ele chama o povo a renovar a sua fidelidade ao Senhor no momento da sua morte iminente.

Você tem uma transição de liderança muito parecida com a que teve no final de Deuteronômio, que é no final da vida de Moisés. Esta transição na liderança tenta proporcionar a continuidade da aliança, pode-se dizer, durante esse período de transição de liderança. Mas você encontra em Josué 24 os mesmos elementos do formato do tratado que você encontra no livro de Deuteronômio. Então, se você prosseguir para 1 Samuel 12, minha dissertação tratou de 1 Samuel 12, você encontrará os mesmos, ou pelo menos vários, os mesmos elementos da forma do tratado, a forma da aliança. Esse capítulo está no final da vida de Samuel, onde ele prevê a transição para a monarquia para o estabelecimento do reino de Saul. A minha opinião é que 1 Samuel 11:14 até 12:25 é uma cerimônia de renovação da aliança de Gilgal, chamada “continuidade da aliança” com a mudança do período dos juízes para o da monarquia e para providenciar essa transição.

Aliança e História: Baltzer et al.

O que quero dizer é que existe um acordo bastante amplo de que você pode encontrar a forma da aliança em Êxodo, Deuteronômio, Josué e 1 Samuel 12. Não é de forma alguma unânime, mas há um consenso bastante bom sobre isso. No entanto, não existe acordo correspondente sobre a origem da forma e, conseqüentemente, sobre a sua implicação histórica. É aí que você entra mais em uma disputa do que em uma discussão. Muitos reconhecerão que a forma existe, mas qual é a sua origem? Quais são as implicações históricas da forma? Alguns estudiosos resistiram às tentativas de tirar conclusões históricas da presença da forma literária. Eles querem apenas olhar para o formulário, mas não querem tirar conclusões históricas dele. No meu livro, página 144, nota 30, um homem chamado Baltzer, que escreveu o livro chamado *The Covenant Formulary* comentando o artigo de Mendelson “Lei e Aliança em Israel no Antigo Oriente Próximo”, diz sobre Mendelson: “Ele está mais interessado em questões históricas enquanto o presente trabalho se limita à abordagem mais crítica. Sem dúvida, outras conclusões na esfera histórica podem ser tiradas com base neste início, mas considero metodologicamente perigoso reunir prematuramente ambos os conjuntos de questões.” O que Baltzer está a fazer é hesitar em tirar conclusões históricas sobre a presença da forma. Ele diz que é metodologicamente perigoso reunir prematuramente os dois conjuntos de questões.

Depois, há um estudioso alemão que diz: “Os canais históricos pelos quais se pode explicar as semelhanças do tratado da aliança hitita com a formulação da aliança do Antigo Testamento ainda são bastante obscuros”. A ligação histórica entre a forma do tratado e o pacto hitita, diz ele, não é bastante clara. Então outro colega diz, falando de Baltzer, ele diz: “Baltzer existe em uma nítida separação entre sua forma de investigação crítica e a historicidade do narrador do episódio. Esta reserva em relação às questões históricas, que ainda está muito aquém do cepticismo, deve o seu vigor a uma influência de von Rad. Desta forma, Baltzer conseguiu evitar conclusões precipitadas e prematuras. Um autor tem o direito de limitar o escopo do seu material, mas é decepcionante que Baltzer recuse conclusões históricas.”

DJ McCarthy

Então DJ McCarthy diz: “Sem dúvida, muito foi reivindicado a partir desta analogia, e conclusões históricas especialmente ilegítimas foram tiradas dela. Ainda assim, isso não nega a evidência como existe para a analogia.” Por outras palavras, mantenha a analogia, mas tenha cuidado ao tirar conclusões históricas da analogia. Bem, acho que a cautela certamente é necessária quando você entra em questões críticas. Acho que é aí que o método crítico de formulário é frequentemente abusado. Você obtém uma determinada forma e faz reconstruções muito especulativas do cenário que produziu a forma, e as conclusões históricas tiradas podem ser muito questionáveis. Veja, a questão toda da metodologia crítica da forma é que se você tem uma certa forma literária, ela pressupõe um certo cenário histórico que deu origem à forma. Esse é o termo técnico *Sitz im Leben* que deu origem à forma, e você quer voltar e entender qual foi a situação que produziu aquela forma.

Parece-me que uma tentativa criteriosa de delinear o cenário histórico de uma forma particular pode ser uma ferramenta interpretativa útil e parece-me que aqui temos uma certa forma, e judiciosamente podemos perguntar qual foi o cenário que lhe deu origem, e isso pode ajudar na compreensão do significado e interpretação do formulário em questão. Se você evitasse isso, empobreceria o estudo da forma. Acredito que aqui, quando falamos sobre a forma da aliança e suas implicações históricas, certamente precisamos de cautela; mas não deveríamos nos recusar a abordar as implicações históricas da forma da aliança.

### 1. A Natureza da Forma da Aliança e sua Origem: Cúltica ou Histórica.

Ok 1. “A Natureza da Forma de Aliança e sua Origem: Cúltica ou Histórica.” Agora, coloquei esse título dessa forma porque o cúltico e o histórico não precisam necessariamente ser opostos. Algo pode ser cúltico e histórico ao mesmo tempo, mas num sentido muito real penso que esta forma é cúltica e histórica. A aliança foi estabelecida no Sinai numa situação em que a aliança foi ratificada. Houve sacrifícios,

aspersão de sangue e assim por diante, então você poderia dizer que é um culto, mas ao mesmo tempo é histórico. A razão pela qual coloquei desta forma é o que von Rad fez com isso.

Lembre-se da semana passada, e mesmo antes disso, notamos que von Rad falou de uma estrutura para o livro de Deuteronômio em 1938. Acho que lhe dei isso na semana passada: a maneira como ele delineou o livro e a estrutura que viu. Ele propôs que essa estrutura fosse derivada do culto, e ele sentiu que a estrutura foi preservada em Israel e foi transmitida em Israel e encontrou seu lugar no livro de Deuteronômio a partir da pregação dos levitas, e era de origem cultural ou reforma.

Ora, isso foi em 1938. Isso foi antes de alguém chamar a atenção para a análise do tratado-pacto: muito antes disso. O artigo de Mendenhall foi em 1954, então foi um pouco mais tarde. Com o material mais recente do tratado sendo trazido à luz, von Rad não mudou a sua posição, embora reconheça e aceite a analogia do tratado-pacto. Se você olhar em sua *Teologia do Antigo Testamento*, que foi publicada em 1957, este é o primeiro volume disso, página 132, ele diz: "Comparação dos antigos tratados do Oriente Próximo, especialmente daqueles feitos pelos hititas nos séculos XIV e XIII. AC com passagens do Antigo Testamento, revelou tantas coisas em comum entre os dois, particularmente a questão da forma, que deve haver alguma conexão entre os tratados suseranos e a exposição dos detalhes da aliança de Yahweh com Israel dada em certas passagens no Antigo Testamento." Em seguida, ele faz uma revisão de muito do que discutimos: a estrutura do tratado e como isso se compara ao material bíblico. Ele diz que isso é encontrado em diversas passagens, incluindo aquelas que acabei de mencionar. Ele continua: "Mesmo que ainda haja muitas questões sobre os detalhes das respostas, pelo menos não há dúvida de que os dois tipos de material estão relacionados entre si. O tratado e o pacto são materiais, e a relação no que diz respeito a A forma pode ser rastreada no texto dos tempos pós-apostólicos. Aqui, é claro, Israel assumiu o controle, mas nos lembramos da idade de alguns dos materiais relevantes do Antigo Testamento. Quando nos lembramos da idade de alguns dos materiais relevantes do Antigo Testamento, temos que reconhecer que Israel se familiarizou com este esquema do

tratado muito cedo, talvez até na época dos Juízes.” Agora é interessante: ele diz sobre a estrutura básica que Israel deve ter se familiarizado com ela muito cedo em sua história, talvez já na época dos Juízes, mas isso foi em 1957, em sua *Teologia do Antigo Testamento* .

Von Rad encontra em Josué 24, por exemplo, o início daquele período de tratado de aliança. Ele relata isso em sua *Teologia* de 1957. Em 1964 publicou seu comentário sobre Deuteronômio. Ele discute isso novamente, mas agora em conexão com Deuteronômio. Nas páginas 21 a 23 ele diz: "Finalmente devemos mencionar um tipo de composição usada em Deuteronômio, que os estudiosos reconheceram apenas recentemente, a saber, o formulário usado para os pactos. A discussão sobre isso apenas começou. É conhecido há alguns anos. época em que os potentados do Antigo Oriente Próximo, especialmente os hititas, costumavam redigir seus tratados com seus vassalos de acordo com um padrão definido. Mas foi surpreendente perceber que esse padrão de tratado pode ser rastreado em não poucas partes do Antigo Testamento. , e entre outros, em Deuteronômio." Novamente ele discute essa forma, que não repetirei. Mas ele diz: “Na época de Deuteronômio, esse padrão há muito era usado livremente para propósitos literários e homiléticos; mesmo unidades individuais usadas muito esporadicamente, em lugares sem qualquer dúvida, são modeladas na forma completa já mencionada”. Mas depois ele diz que a questão ainda está bastante aberta como e quando Israel veio a compreender a sua relação com Deus na forma destes primeiros tratados do Oriente Próximo com vassalos.

A questão ainda está aberta: como e quando Israel passou a compreender a sua relação com Deus na forma destes primeiros tratados do Oriente Próximo com vassalos. Mais tarde, ele diz que se perguntarmos o que *Sitz im Leben* é exigido pelo padrão segundo o qual o Deuteronômio é organizado, isso só pode ter sido tirado de uma celebração de culto. Veja, existem essas ideias de origens do culto. “Só pode ser tirado de uma celebração de culto. Talvez de uma festa de renovação da aliança. Esta conjectura é apoiada pela inserção de uma aliança formal, Deuteronômio 26: 16-19. Assim, o padrão clássico do formulário regular da aliança aparece em Deuteronômio, em qualquer caso,

apenas em forma mutilada. Seu cenário é o culto no qual a forma do Deuteronômio estava originalmente enraizada, mas já foi abandonada no livro tal como o temos agora. Isto porque o seu conteúdo aparece agora na forma de instrução homilética para os leigos”. Em outras palavras, o que ele está dizendo é que, embora você encontre essa analogia entre tratado e aliança na estrutura do livro, a forma básica de Deuteronômio está na forma de instrução homilética para os leigos.

Ele volta à sua “Teoria Levítica” de que os levitas preservaram esta forma de aliança na pregação, e é a sua lembrança de tradições antigas preservadas no culto e transmitidas de geração em geração. Então, quando chega à sua conclusão sobre as datas de Deuteronômio, página 26, ele diz: “Suponhamos que um dos santuários do norte, Siquém ou Betel, seja o local de origem de Deuteronômio, e o século antes de 621 deve ser a data. . Não há razão suficiente para voltar mais atrás.” Em outras palavras, estamos no século anterior a 621 AC; isso seria na década de 700. Isso é bastante tardio, e ele sente que a forma que você encontra em Deuteronômio é a forma derivada do culto e preservada pela pregação dos levitas. Então você vê, é realmente uma derivação cúltica para a origem da forma, embora ele reconheça o paralelo com o material do tratado hitita.

A Análise de Vannoy da Hipótese da Origem do Culto Agora, parece-me que a hipótese da origem do culto realmente não dá uma explicação adequada para a natureza da forma em questão e seu uso no Antigo Testamento. Na verdade, não responde à questão mais básica da ocasião e da razão da utilização inicial do formulário. Quando foi isso? Ele realmente não aborda isso.

A Bíblia apresenta a utilização inicial do tratado-aliança como sendo a apresentação dos materiais da aliança dados por Deus a Moisés no Sinai. Essa é a origem disso. Assim, como diz Kline: “Deus usou o instrumento legal do tratado hitita, que era a forma conhecida da época, como um meio de apresentar esta aliança ao seu povo e estruturá-la nos moldes desse instrumento legal conhecido”.

JA Thompson, num artigo chamado “O Credo Culto e a Tradição do Sinai” (está na página cinco de sua bibliografia) na *Reformed Theological Review* diz o seguinte:

“Parece haver pouca razão para duvidar que o prólogo histórico nos tratados seculares foi o aspecto básico de qualquer tratado. Nem precisamos duvidar de que representou, embora talvez de forma melhorada, um esboço correcto dos acontecimentos históricos anteriores, que foram apresentados como um forte argumento para a aceitação do tratado pelo vassalo. O Prólogo Histórico dos tratados nos dá a história real, nos conta sobre o relacionamento anterior entre o grande rei e o vassalo, o que fornece a base da obrigação por parte do vassalo para com o grande rei.” Tudo bem, ele diz, “Von Rad, é claro, toma nota do relato histórico dos eventos do Sinai quando discute Deuteronômio e Êxodo 19-24.” A primeira parte de Deuteronômio, que funciona como prólogo histórico, volta e analisa Sinai.

Mas, para Von Rad, esta narração histórica é apenas uma lenda cultural de historicidade muito duvidosa . Mas deve-se perguntar se uma lenda de culto poderia servir ao propósito exigido. Veja, a forma como funciona um prólogo histórico é que essas coisas realmente precisam acontecer se quiserem ser a base para o relacionamento contínuo. Thompson diz: “Não se deve presumir que uma liturgia cültica deva ser divorciada dos eventos históricos subjacentes”. Acho que esse é o ponto. Talvez tenha havido uma preservação formada no culto. Isso é um tanto especulativo, mas veja, onde tudo começou? Onde isso se originou? Qual foi a base histórica da coisa? Parece-me que esse ponto, do ponto de vista da derivação cültica de von Rad, é insuficiente. Essa relação – a relação de aliança – foi estabelecida numa ocasião *histórica específica* . A forma pressupõe que houve uma ocasião histórica específica quando a aliança foi originalmente e formalmente estabelecida. Assim, sob 1. “A Natureza da Forma da Aliança: é Cültica ou Histórica”, parece-me que von Rad não faz justiça à questão da origem da forma. Voltamos ao Sinai para encontrar o cenário, ou a introdução inicial a essa forma de tradições e crenças religiosas de Israel.

## 2. A Evolução da Forma do Tratado e suas Implicações para a Data do Livro de Deuteronômio

Tudo bem, 2. Estamos falando sobre a situação atual no debate sobre

Deuteronômio, 2 é: “A evolução da forma do tratado e suas implicações para a data do livro de Deuteronômio.” Quando discutimos a visão de Kline na semana passada, espero que tenha ficado claro para vocês que grande parte de sua defesa de uma origem mosaica reside na sua afirmação de que a forma do tratado passou por um desenvolvimento evolutivo no sentido de que havia um padrão hitita clássico que não foi duplicado em tratados posteriores, particularmente nos tratados de Esarhaddon e nos tratados de Sefire. Agora, quero olhar essa questão um pouco mais de perto justamente porque esse é um ponto que tem sido questionado e há muita coisa que depende disso.

a. Os Tratados Vassallos de Esarhaddon comparados com os Tratados Suseranos Hititas

Então, vamos para a) “Os Tratados Vassallos de Esarhaddon comparados com os Tratados Suseranos Hititas. E uma observação introdutória: os tratados vassallos de Esarhaddon foram descobertos em 1955 por um arqueólogo britânico no que é hoje o Iraque, num lugar chamado Nimrud. As tábuas foram encontradas na sala do trono do templo de Nabu em meio aos destroços resultantes da destruição do edifício por um incêndio em 612 aC pelos medos. Esses textos foram encontrados e identificados como um tratado por uma mulher chamada Barbara Parker. Foi um tratado feito por Esarhaddon, rei da Assíria, em 672 aC. Houve mais de um tratado, mas o texto era o mesmo. Acontece que o tratado foi concluído com um número de indivíduos diferentes, e o nome muda: não o de Esarhaddon, mas o nome do subordinado muda. Os textos eram duplicados, diferindo apenas nos nomes dos vários governantes com quem os tratados foram feitos. Portanto, os tratados eram realmente textos de tratados com Esarhaddon e com vários estados vassallos. Mas DJ Wiseman os publicou no volume chamado *Iraque*, volume 20, em 1958. *Iraque* é o nome da revista, volume 20, 1958.

Se você olhar para esses tratados, descobrirá que certos elementos são muito parecidos com os dos tratados hititas anteriores. Portanto, existem algumas semelhanças. Mas, apesar dessas semelhanças, também existem algumas diferenças importantes. Você verá essa diferença imediatamente se observar a estrutura. Se você observar a estrutura, verá que ela segue estes seis elementos: primeiro, o preâmbulo; segundo, deuses como

testemunhas; terceiro, estipulações; quarto, maldições; quinto, juramento de fidelidade; e depois, em sexto lugar, outra seção de maldições, maldições na forma de símiles.

Agora deixe-me fazer alguns comentários sobre cada um deles. Primeiro, o preâmbulo: nos tratados hititas, apresenta as partes do tratado e, no caso destes tratados de Esarhaddon, indica o propósito do documento. Esarhaddon diz: “A respeito de Assurbanipal , o príncipe herdeiro, filho de Esarhaddon, rei da Assíria”. O objetivo deste tratado era garantir que, quando Esarhaddon morresse, esse filho em particular, o príncipe herdeiro, o sucederia. Então, tinha a ver com a sucessão ao trono da Assíria. O propósito então dizia respeito a Assurbanipal , príncipe herdeiro, filho de Esarhaddon, rei da Assíria. E este tratado deveria ser obrigatório para todos os governantes sobre os quais Esarhaddon detinha o poder no império assírio. Várias cópias com diferentes indivíduos foram encontradas. Tudo bem, esse foi o preâmbulo.

Deuses como testemunhas é a segunda seção, na qual você tem uma lista dos deuses em cuja presença o tratado foi concluído. Há indicação no texto da cerimônia em que foram trazidas as imagens desses deuses e diante de quem o tratado foi oficialmente promulgado e posto em vigor. Dezesete divindades são enumeradas. Então você tem aquela lista de deuses.

Então há as estipulações. As estipulações têm um foco bastante restrito neste sentido: elas são projetadas para garantir a permanência do governo de Assurbanipal, já que ele é designado sucessor de Esarhaddon ; essa é a preocupação do tratado. Portanto, o que as estipulações tentam abordar é todo tipo de situação concebível que possa ser uma ameaça à posição de Assurbanipal como sucessor. É quase necessário ler o tratado para avaliar a extensão das disposições e as contingências que cobrem.

Existem trinta e três cláusulas que o vassalo jura cumprir. Eles podem ser classificados em cinco grupos. Primeiro, aqueles que garantem a lealdade do vassalo a Assurbanipal como sucessor de Esarhaddon . Em segundo lugar, aqueles que descrevem as medidas a serem tomadas contra os rebeldes. Terceiro, aquelas que impedem tentativas de usurpar o trono. Quarto, aqueles que proíbem intrigas com outros membros da casa real com o objetivo de destronar Assurbanipal. Por exemplo, não responder a quaisquer

abordagens para virar Esarhaddon contra Assurbanipal como príncipe herdeiro, e não ser influenciado por alguém que reivindique poder pessoal para relatar a Assurbanipal qualquer conspiração para fazer divisão entre Assurbanipal e seus irmãos. Quinto, enfatiza a natureza perpétua e vinculativa dos juramentos prestados. As estipulações têm um foco restrito; tudo tem a ver com segurança: o direito de sucessão e a continuidade do poder de Assurbanipal após a morte de Esarhaddon .

Após 355 linhas de estipulações que regem o relacionamento do vassalo com Esarhaddon e Assurbanipal, então você tem o documento protegido pelo pronunciamento da maldição sobre qualquer um que altere, negligencie ou transgrida os juramentos da tabuinha, ou a apague. Cada deus é nomeado separadamente e uma maldição específica, característica da atividade de cada deus em particular, é pronunciada. Você tinha todas essas divindades listadas com as maldições, e cada uma dessas divindades é listada novamente com uma maldição específica ligada a cada uma. Por exemplo, “Que Shamash, a luz dos céus e da terra, não o julgue com justiça, dizendo: 'Que esteja escuro em seus olhos. Ande na escuridão.’” Shamash é o deus do sol, então você tem uma maldição ligada à característica particular da divindade envolvida. Então você tem a ira de muitas dessas divindades invocadas sobre alguém que transgrediu a estipulação. Depois, em quinto lugar, um juramento de lealdade. Os vassalos nesta secção juram lealdade a Esarhaddon e a Assurbanipal, e a linguagem aqui muda para a primeira pessoa do plural, o que indica que o documento deveria ser usado em cerimónias públicas em que as pessoas dizem: “Nós faremos isso”.

Sexto, existem maldições na forma de símiles após o juramento de fidelidade. Você retorna às maldições. A maioria deles é formulada em um estilo que utiliza símiles da observação comum. Por exemplo: “Assim como cabritos e fêmeas e cordeiros e cordeiros são abertos e suas entranhas rolam sobre seus pés, assim também as entranhas de seus filhos e filhas rolam sobre seus pés”. É uma longa secção com símiles desse tipo, chamados de “símiles de maldição”. DJ Wisemen sugere que alguns deles, se não todos, podem ter sido demonstrados perante o povo para ilustrar vividamente os resultados da quebra do tratado. Em outras palavras, talvez pedaços de entranhas de crianças e meninos

rolando sobre seus pés. Eles podem ter aberto alguns desses animais para demonstrar e mostrar o que acontecerá com você. Você quase precisa ler isso para entender. Por exemplo: “Assim como a chuva não cai de um céu de bronze, a chuva e o orvalho não podem cair sobre seus campos e prados. Que chova brasas em vez de orvalho em sua terra. Assim como uma ovelha faminta coloca a carne de seus filhotes na boca, assim também vocês podem alimentar sua fome com a carne de seus irmãos e de seus filhos, de suas filhas. Assim como uma cobra e um mangusto não entram e se deitam juntos no mesmo buraco e pensam apenas em cortar as pernas um do outro, você e suas mulheres não podem entrar no mesmo quarto sem pensar em cortar a vida um do outro.” Após essa seção, o tratado termina abruptamente com a data e uma breve declaração das preocupações do tratado, e isso é Assurbanipal sendo nomeado príncipe coroado e sucessor de Esarhaddon . Essa é uma breve pesquisa do formulário.

3. A ausência do prólogo histórico            O número três do esboço começa a traçar alguns contrastes e diferenças entre o pacto do tratado assírio e o hitita. O número 3 é: “A ausência do prólogo histórico”. Como observamos anteriormente, os tratados hititas têm uma forma bastante consistente, com poucos desvios. O contraste mais marcante entre os tratados hititas e o assírio é que a segunda seção do tratado hitita não é encontrada no formato do tratado assírio. Lembre-se de que os tratados hititas eram assim: preâmbulo, prólogo histórico, estipulações – basicamente detalhando maldições, testemunhas e bênçãos. Os tratados assírios não têm prólogo histórico. Essa é uma diferença importante por esta razão: o prólogo histórico do tratado hitita dá o tom do tratado. É com base no ato benevolente do grande rei enumerado no prólogo histórico que o vassalo tem um senso de responsabilidade e obrigação de obediência por meio das estipulações do tratado. Então você tem o prólogo histórico, que é seguido pelas estipulações. O prólogo histórico fornece o sentimento de obrigação por parte do vassalo para com o grande rei benevolente.

Portanto, é com base nesses atos beneficentes que o grande rei justifica a exigência de observância das estipulações. Há um prólogo histórico, ou pelo menos espaço para

um, em textos fragmentados de todos os tratados hititas atualmente disponíveis. Agora eu digo isso mesmo que seja um ponto de debate.

O estudo inicial dos tratados hititas antes de Mendenhall chamou a atenção para a analogia entre os materiais da aliança do Antigo Testamento e o conjunto do tratado hitita. Na verdade, os tratados foram publicados muito antes disso e estudados, mas a conexão nunca foi feita com a aliança subjacente ao Antigo Testamento. Anteriormente, houve um colega húngaro, Victor Korosec, que publicou um volume em 1931 na Alemanha discutindo os textos do tratado hitita. Houve um tratamento padrão do texto do tratado hitita que este livro teve, sem a comparação bíblica. Korosec disse em 1931 sobre o prólogo histórico: “A constante recorrência de tal expressão mostra que em Hattusa” (capital do império hitita) “era considerada um elemento essencial de todo tratado de vassalo”. Em seu estudo dos textos, essa foi sua conclusão.

Agora, mais recentemente, ao longo do trabalho do DJ McCarthy, eles publicaram este volume, *Treatment of Covenant*, acredito que esteja na sua bibliografia, que agora saiu em uma edição posterior até mesmo a esta. No topo da página 5, *Treatment of Covenant*, 1978, McCarthy contesta a ideia de que todo tratado hitita tem um prólogo histórico. E ele diz que alguns deles não têm um prólogo histórico e, conseqüentemente, diz que o prólogo histórico não era um elemento essencial na forma do tratado.

A resposta de H. Huffman a McCarthy Agora você se envolve em muitas discussões detalhadas sobre esse assunto, mas deixe-me apenas chamar sua atenção para McCarthy, que diz que não é um elemento essencial na forma. Herbert Huffman discorda de McCarthy nisso. Infelizmente, não o tenho em sua bibliografia, mas Herbert Huffman escreveu um artigo chamado “O Êxodo, o Sinai e o Credo” no *Catholic Biblical Quarterly*, Volume 27, 1965, páginas 109-110. E ele interage com McCarthy nesta questão. Ele apoia Korosec. Huffman diz: “A omissão do prólogo histórico e a tendência para maldições mais elaboradas e coloridas no tratado do primeiro milênio” (que é o tratado de Esarhaddon) “representam uma mudança básica no conceito da relação do tratado. O poder substitui a persuasão de tal forma que, embora a forma do tratado

continue a ser a mesma em muitos aspectos, é enganoso afirmar que o tratado permanece basicamente inalterado, contrariamente a DJ Wiseman e McCarthy, que minimizam a diferença nos tratados.”

Agora, não vou perder tempo entrando na discussão detalhada disso, mas deixe-me apenas mencionar que McCarthy diz que cinco dos tratados, os primeiros tratados, não têm um prólogo histórico. E por isso ele diz que a história não era um elemento essencial da forma do tratado. Agora Huffman salienta, se olharmos aqui para os cinco tratados que McCarthy diz que carecem de um prólogo histórico, Huffman analisa todos os cinco e conclui que McCarthy realmente não tem uma base para a conclusão que está a tirar ao olhar para esses tratados.

Por exemplo, o primeiro, o tratado entre Mursilis II e Nicmetpah de Amurra, Huffman diz que tem um prólogo, mas é muito curto. Diz: “Quanto a você, Nicmetpah, eu o restaurei em seu país e fiz com que você se sentasse como rei no trono de seu pai”. Esse é um prólogo histórico. É uma frase, mas você pode ver o que Huffman está dizendo: o prólogo histórico está lá, embora McCarthy diga que não. Acho que Huffman está certo.

O segundo, o tratado entre Mursilis II e Kiaseilis, é um tratado fragmentário; não tem prólogo no local esperado, mas Huffman diz que isso não é decisivo. Ele diz que embora McCarthy afirme que em nenhum caso o prólogo histórico ocorre em qualquer lugar, exceto entre títulos e estipulações, ele ignorou a versão hitita do tratado entre Suppiluliuma I e Arziras, na qual a sequência é preâmbulo, estipulação, prólogo. Agora ele descobre que há um prólogo neste texto, mas em uma ordem diferente; não segue a ordem padrão.

O terceiro, o tratado entre Suppiluliuma e Hukkanas tem um prólogo, novamente breve. “Veja, você, Hukkanas, eu o recebi como um homem simples, mas capaz, o honrei e recebi você e Hattusas no meio do povo e o apresentei de maneira amigável. Eu lhe dei minha irmã como esposa. Isso funciona como um prólogo histórico.

Então não vou passar pelos quatro e cinco, mas com todos eles você entra em um debate bastante técnico. O tratado tem prólogo ou não? McCarthy diz que não, mas

Huffman mostrou que sim. Há uma resposta razoável. Portanto, a ausência do prólogo histórico é um desvio da forma hitita e é importante, como mencionei antes, porque o prólogo dá o tom ao tratado. Em vez de uma relação amorosa e de confiança entre os parceiros do tratado, quando se chega aos tratados assírios, não há prólogo histórico. Não há atos benevolentes dos grandes reis que sejam enumerados primeiro; em vez disso, você tem a imposição do poder bruto ao vassalo. O vassalo tem que fazer todas essas coisas ou então você terá uma lista dupla de maldições com as quais ele será atormentado se não o fizer.

Assim, a falta de um prólogo histórico não é apenas a diferença na forma literária, mas também estabelece um espírito muito diferente em relação à relação entre os parceiros do tratado. Portanto, a qualidade da relação estabelecida entre o suserano e seu vassalo é bem diferente.

Precisamos fazer uma pausa de 10 minutos e depois voltaremos e analisaremos isso um pouco mais.

Transcrito por: Brittany Gordon, Ethan Kilgore, Jenny Machado, Maggie Brooks,  
Megan Avery e editado por William Hagen  
Editado por Ted Hildebrandt  
Edição final do Dr.  
Renarrado pelo Dr.